

Comunicação, Desenvolvimento, Trabalho

Perspectivas Críticas

Organizadores:

Gilson Raslan Filho

Janaina Visibeli Barros



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptuaeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

RASLAN FILHO, Gilson; BARROS, Janaina Visibeli (Orgs.)

Comunicação, desenvolvimento, trabalho: perspectivas críticas [recurso eletrônico] / Gilson Raslan Filho; Janaina Visibeli Barros (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

177 p.

ISBN - 978-65-87340-88-3

DOI - 10.22350/9786587340883

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Comunicação; 2. Desenvolvimento; 3. Trabalho; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 177

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética e sociedade 177

**As relações de comunicação e as condições de produção
no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos
alternativos às corporações de mídia ¹**

Roseli Figaro

Cláudia Nonato

O Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/ECA-USP) realizou, entre 2016 e 2018, a pesquisa “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia”, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – este último para a continuidade.

O objetivo geral da investigação foi compreender as novas formas de organização do trabalho de jornalistas em arranjos alternativos/independentes aos grandes conglomerados de mídia, o que sinaliza os seguintes problemas de pesquisa: como os jornalistas organizados nesses arranjos sustentam sua autonomia no trabalho? Como esses profissionais mobilizam os dispositivos comunicacionais a seu dispor para instituir novas prescrições para o trabalho jornalístico? As prescrições para o trabalho,

¹A pesquisa foi realizada por pesquisadores do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP): Ana Flávia Marques, Camila Acosta, Cláudia Nonato, Fernando Pachi Jr., Jamir Kinoshita, Janaina Visibeli Barros, João Augusto Moliani, Michele Roxo, Naiana Rodrigues, Olivia Bulla e Rafael Grohmann. Teve apoio ainda de bolsistas de iniciação científica: Amanda Cordeiro da Silva, Matheus Hmeliovski e Sabrina Fernandes da Silva.

formuladas nessas iniciativas, instituem relações de comunicação mais democráticas e compartilhadas no processo de trabalho?

Essas perguntas foram formuladas tendo em vista o cenário atual, global e local, cujo direcionamento das estratégias das empresas de plataformas digitais aprofunda a concentração de recursos, o controle de gerenciamento e de circulação de informações, destruindo as formas organizativas e as prescrições anteriores para o trabalho jornalístico. A concentração mencionada causa a precarização do trabalho e um número crescente de jornalistas desempregados, desiludidos com os grandes veículos e/ou que não conseguem seu primeiro emprego.

Para sobreviver na profissão, os profissionais buscam formas alternativas de exercer o seu trabalho e se organizam para fundar veículos de comunicação e produzir conteúdo jornalístico. Os novos arranjos² econômicos do trabalho dos jornalistas são uma possibilidade de arranjar, isto é, de organizar o trabalho de forma alternativa e independente aos conglomerados de mídia. Tal possibilidade se apresenta devido aos meios de produção digitais, móveis e mais baratos. Tendo em vista a enorme diversidade e relevância desses novos produtores de jornalismo, destacados nacionalmente a partir das manifestações populares de 2013, é que se justifica a compreensão mais aprofundada de sua existência. Nesse sentido, justifica-se a nossa proposta de estudo sobre como se organizam e se sustentam os novos arranjos do trabalho do jornalista.

A metodologia desta pesquisa exploratória (GIL, 2008) adota a triangulação de métodos (FÍGARO, 2014; DENZIN, 2006; JANKOWSKI, 1993) em duas fases. A primeira faz o levantamento dos arranjos na cidade de São Paulo, por meio da técnica da bola de neve (*snowball*) para a construção da amostra não probabilística (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Esse levantamento identifica e classifica as características desses arranjos e verifica a possibilidade de uma constante que permita revelar perfis organizativos e marcadores da práxis jornalística para, na segunda fase, por meio de entrevistas e grupos de discussão, entender os processos de

² Detalhamos o que entendemos por este conceito em FIGARO; NONATO; PACHI FILHO (2018).

trabalho, as rotinas produtivas, as formas de sustentação e as relações de comunicação entre os profissionais na produção do seu trabalho.

Neste texto dá-se destaque aos resultados alcançados pela investigação. Inicialmente, faz-se um breve relato sobre a amostra de pesquisa e das etapas de categorização e análise para, por fim, apresentar os resultados da pesquisa.

1. Quais são os perfis dos novos arranjos do trabalho jornalístico?

Em uma pesquisa exploratória, os resultados são todas as informações que permitem orientar o aprofundamento da pesquisa na direção dos objetivos enunciados, em um percurso demarcado por tempo e recursos, visto que as perguntas nunca cessam e uma resposta traz um novelo de novas questões a serem esclarecidas. A partir desse princípio, resultados foram sendo amalhados em cada procedimento.

Do levantamento promovido por meio do *snowball*, obtivemos 170 (mais dez estrangeiros) novos arranjos planilhados (em Excel), sendo que os situados fora de São Paulo estão sendo propostos para estudo de investigadores parceiros em outros Estados, o que talvez possa dar um mapa mais realista das iniciativas em outras localidades. O segundo resultado foi a identificação de 70 arranjos na região metropolitana de São Paulo e a decisão de tomá-los como objeto de nosso estudo.

A partir dos indicadores da catalogação, obtida pela autodeclaração das informações de cada um desses 70 arranjos, quantificamos os dados para obter um perfil deles. Seguem os nomes de cada um, estudados na fase de levantamento de dados com base na autodeclaração encontrada na aba “Sobre” de cada um desses veículos.

Papo Reto / Agência Mural de Jornalismo das Periferias / Agência Plano / Agência Pública / Aos Fatos / AzMina / Azoofoa / B9 / Barão de Itararé / Blogueiras Negras / Brasis / Calle2 / Candeia / Central 3 / Centro de Mídia Independente / Cidades para Pessoas / Ciranda Internacional da Comunicação Independente / Clichetes / Conexão Planeta Correio da Cidadania / Democratize / Desenrola e não me enrola / É Nós / Envolverde / Escola de Notícias / Farofafá / Fluxo / Formiga.me / Futebol de Campo / Geledés / Gênero e Número / Independente / Jornalistas Livres / Justificando / Lado M / Las Abuelitas / Mães de Peito / Mamilos / Megafonia/ Mídia Ninja / Migramundo / Mobilize Brasil / Move that Jukebox / Mulher no Cinema / Nexo / Nós, Mulheres da Periferia / O Novo / Opera Mundi / Oppina / Outras Palavras / Ovelha Mag / Papo de Homem / Periferia em Movimento / Pimentaria / Poleiro / Ponte / Portal Aprendiz / Porvir / Pressenza / Projeto Draft / Puntero Izquierdo / Quatro V / Repórter Brasil / Revista Capitolina/ Sounds Like Us / Think Olga / Vaidapé / Viomundo / Volt Data Lab / Vozes da Vila Prudente

Figura 1 - Quadro dos novos arranjos do trabalho do jornalista, amostra da pesquisa do CPCT/ECA-USP

O planilhamento (Excel) das informações e a posterior avaliação dos dados amealhados permitiram criar categorias para a análise dos marcadores jornalísticos que identificam as respectivas práticas.

Verificamos que os participantes são na maioria jovens entre 20 e 35 anos. Há jornalistas mais maduros e com vasta trajetória nos veículos tradicionais, tais como os fundadores de Jornalistas Livres, Agência Pública, Farofafá, Viomundo, Outras Palavras, Opera Mundi e Envolverde, mas a maioria vem de uma experiência profissional mais recente. Em 37 desses arranjos há dirigentes mulheres, sendo 28% deles fundados e dirigidos por mulheres jornalistas; e 19 têm presença nas direções de homens e mulheres jornalistas.

São absolutamente minoritárias as iniciativas cujos profissionais não têm formação em jornalismo. Desse modo, o diploma de curso superior em jornalismo continua sendo um diferencial para o exercício profissional. A maioria dos participantes é de jornalistas brancos(as), cujas famílias vêm de uma trajetória de classe média e de posições em serviços. As exceções são Blogueiras Negras, Vozes de Vila Prudente, Periferia em Movimento e Nós, Mulheres da Periferia.

No sentido de compreender melhor a autodeclaração expressa em cada arranjo, usamos marcadores da práxis jornalística (reportagem, notícia, apuração), ou seja, os elementos enunciativos que nomeiam as práticas profissionais. Verificou-se, pela análise dos enunciados da auto-declaração, que as iniciativas não nomeiam adequadamente os seus atributos e perfis jornalísticos. A crise de credibilidade da imprensa

tradicional pode estar interferindo no modo como elas fazem a auto apresentação. Por outro lado, o termo “produção de conteúdo” tem sido expresso como forma de nomear práticas do campo jornalístico e também fora dele, criando certa ambiguidade. Em arranjos que não se declaram como jornalísticos, foram encontrados marcadores da práxis jornalística, o que de alguma forma remete ao campo jornalístico, tais como reportagens, entrevistas, revista, pautas e matérias.

Os resultados dessa etapa da pesquisa mostram que são iniciativas recentes com menos de cinco anos, que apareceram sobretudo entre 2011 e 2015, estimulados pela ampla participação da sociedade na arena pública e também pelo advento dos meios técnicos mais leves, baratos e com ampla margem de recursos para o trabalho em plataformas digitais. A maioria declara-se sem vínculo a movimentos sociais e a partidos e se posicionam entre o alternativo e o independente aos conglomerados de mídia ou às influências políticas e econômicas do Estado e do mercado. Não se veem como empreendedores e/ou inovadores e um terço deles se declara coletivo. Além dos conteúdos jornalísticos, produzem outros tipos de conteúdo e exercem no arranjo outras atividades (cursos, palestras, edição de livros, assessorias etc.) para conseguirem viabilizar sua sustentação. Assim, todos têm atividades diversificadas, para além do jornalismo, devido à necessidade de financiamento do próprio arranjo.

Duas questões são relevantes no quadro da produção jornalística: a periodicidade é mais estendida e flexível e os conteúdos são geralmente produções de reportagens que não demandam a exigência do acontecimento noticioso. Mídia Ninja e Jornalistas Livres trabalham mais com o conceito clássico da notícia enquanto acontecimento imediato de interesse público. Nexo e Agência Pública colocam-se mais próximos às concepções tradicionais do jornalismo. Fazem reportagens sem, necessariamente, tratarem de notícias do cotidiano. Os demais estão em nichos específicos: cultura, esporte, direitos humanos, violência, gênero, periferia etc.

A perspectiva teórica de compreensão de comunicação e trabalho (FIGARO, 2018), as informações obtidas nos sites e redes sociais dos

arranjos, as entrevistas realizadas com 26 responsáveis por essas iniciativas e as conversas resultadas dos dois grupos de discussão com esses mesmos representantes, tendo em vista os objetivos da pesquisa, possibilitam afirmar uma síntese dos resultados, conforme passamos a relatar.

2. As novidades e os dilemas do trabalho em novos arranjos jornalísticos

A análise e interpretação dos dados da pesquisa permitem fazer um conjunto de afirmações sobre o trabalho desses jornalistas bem como impõem questões para continuar a fazer perguntas para a nova fase da pesquisa. Os resultados até aqui mostram o seguinte:

- O trabalho nos arranjos, organizado a partir da livre associação entre pares, é possível devido aos meios digitais, às redes sociais, à internet, materializados em *meios de produção fundamentais como o acesso à internet, o smartphone, os aplicativos e o computador*.
- Os meios de produção mais leves e as formas instáveis e desterritorializadas de organização, bem como a falta de recursos para investir no trabalho, fazem com que o jornalismo produzido tenha *mudança no conceito de periodicidade*, alargando-se conforme as possibilidades e comprimindo-se à medida da urgência dos acontecimentos, ampliando as características dos gêneros do discurso jornalístico.
- As condições objetivas e precárias de recursos e organização imprimem certa *orientação nos temas das coberturas jornalísticas*: o jornalismo de editoriais frias, temas que devem e podem ser cobertos com maior profundidade e elasticidade de tempo; e as pautas noticiosas quentes estão vinculadas na maior parte às temáticas políticas e/ou dos movimentos sociais.
- Os meios de produção mais leves e a desterritorialização possibilitam trabalhar de qualquer lugar e em qualquer tempo. Essas possibilidades incidem nas pautas e nas formas colaborativas de organização do trabalho. *A depender da rede de colaboradores que se cria e se cultiva por solidariedade no trabalho, as coberturas do fato podem ser ao vivo, no calor do acontecimento, uma mescla entre cobertura e participação do/no acontecimento em qualquer lugar do Brasil ou do mundo*.
- As condições de produção materiais e políticas no contexto brasileiro recente também fazem com que esses arranjos *se coloquem como vozes de discursos de pontos de vistas diferentes daqueles enunciados pelos conglomerados de mídia* e mesmo a veículos menores que enunciam discursos reiteradores da ideologia dominante.

Desse modo, tratar de temas como a questão feminina, mulheres negras, mães, formação de jovens, sustentabilidade, meio ambiente, cinema, futebol, política, direitos humanos, movimentos sociais, eleições exige certo compromisso com valores sociais mais amplos, desvinculados imediatamente de interesses econômicos hegemônicos. Esses temas são, do ponto de vista editorial, *tratados de maneira progressista, humanista e de viés que transita do democrático ao popular*. Há, no entanto, um campo ideológico de batalha que se trava entre esses arranjos. Há aqueles que se alinham mais proximamente aos discursos que Dardot e Laval (2016) chamam de “homens-empresas”, *no qual a ideologia do empreendedorismo e da inovação são os objetos de trabalho deles*. São como correias de transmissão das ideias hegemônicas no campo popular e progressista. Aferir mais profundamente essas linhas editoriais só será possível em outra pesquisa³ que faça a análise do discurso da produção jornalística desses arranjos jornalísticos.

- As condições de trabalho nos novos arranjos fazem emergir a discussão sobre que tipo de jornalismo se produz. Os valores do jornalismo são outros ou se reafirmam os valores deontológicos da profissão? O jornalismo que se produz é independente e/ou alternativo aos conglomerados de mídia? *Esses embates tendem a reafirmar os valores do jornalismo como discurso social e de interesse público para uns, independente dos interesses econômicos e políticos; para outros, alternativos aos discursos hegemônicos do poder e dos conglomerados de meios.*
- As formas de sustentação resvalam à total precariedade, cujo centro do problema são as formas de remuneração: como praticar um jornalismo que dá voz ao diferente, ao discurso de contraposição? Como remunerar o trabalho e viabilizar o arranjo de forma sustentável? O compromisso político de independência jornalística choca-se com a triste realidade do compromisso das grandes empresas jornalísticas com os anunciantes: bancos, grandes empresas, governos. *Tentar viabilizar outras formas de sustentação caracteriza-se como o principal desafio dos novos arranjos do trabalho do jornalista*. Há uma miríade de tentativas: doações de leitores, *crowdfunding*, projetos em editais públicos, fundações privadas nacionais e internacionais; venda de serviços não vinculados diretamente ao jornalismo (palestras, cursos, formação de jovens); venda de serviços de comunicação (assessorias e conteúdos).

³ Estamos desenvolvendo, com apoio do CNPq, a segunda fase da pesquisa que trata justamente da análise do discurso jornalístico produzido por esses arranjos.

2.1 As condições de trabalho, do ponto de vista da remuneração e da reposição da força de trabalho, são precárias, na maioria das vezes, trabalho voluntário, sem qualquer certeza sobre quando ou como vão se sustentar as atividades jornalísticas desempenhadas no arranjo.

Há densificação do trabalho, visto que se trabalha todo o tempo em vários lugares e sem as condições necessárias. Trabalha-se em um emprego para se obter a mínima remuneração, também emprego *freelancer* e precário, para depois da jornada no emprego, dedicar-se ao trabalho no arranjo jornalístico. O trabalho no arranjo jornalístico é o trabalho que satisfaz o sujeito como ser humano inteligente, capaz e que vê utilidade social em seu empenho. *Portanto, o ser jornalista aqui é um ser dividido que sofre porque vislumbra e faz acontecer o jornalismo em que acredita, mas é impedido de dedicar-se integralmente a essa atividade porque não sobrevive dela.* É preciso resolver a questão das formas de sustentar produtores de informação com valor de bem público. É um dilema de jovens sonhadores com um jornalismo de verdade e de experientes jornalistas que saíram das empresas e buscam realizar o sonho do exercício no jornalismo que acreditam.

São esses os aspectos gerais que emergem como resultado da pesquisa. Para sermos mais específicos, faz-se necessário retomarmos as perguntas que nortearam a pesquisa e darmos a elas as respostas sínteses possíveis.

2.2 Síntese do percurso da pesquisa e respostas aos problemas iniciais

Da primeira fase da pesquisa exploratória, verificamos a necessidade de aprofundarmos o estudo bibliográfico sobre conceitos importantes para darmos continuidade à investigação. Arranjo de trabalho foi estudado e delineado como conceito matriz que denota bem a situação dos jornalistas: trata-se de tentativas de organização de pessoas e de recursos para o

trabalho, tem-se uma *expertise*, tem-se um projeto e investe-se nele o que se pode para produzir bens para a sociedade.

Os arranjos (econômicos) são um potencial de desenvolvimento local (SUZIGAN, 2003; LOMBARDI, 2003). Significa arregimentar profissionais interessados em exercer sua profissão com autonomia, dedicação, sem interferência das grandes empresas do setor da comunicação. Esses jornalistas apostam na possibilidade de arranjar o próprio trabalho e de criar condições para o desempenho profissional.

Na literatura econômica, os arranjos produtivos locais auspiciaram teoricamente uma alternativa de incremento para o desenvolvimento local. Em outra dimensão do sentido de desenvolvimento, tratando-o mais como aspecto de ganho humano e social, arremetemos o termo arranjo para friccioná-lo à forma de empresa tradicional. E também para propor a ideia de que a sociedade precisa assumir o problema profissional das novas gerações: onde vão trabalhar? Como vão trabalhar? Como viverão do trabalho que sonham para si próprios? Como exercerão a missão do jornalista de fazer e levar a informação (bem social) para a sociedade exercer os princípios da democracia?

Ao analisar a ruptura democrática dos tempos atuais, Manuel Castells (2018, p. 14) reafirma o papel dos jornalistas como peça chave na arquitetura da democracia liberal: “E o rompimento fora das instituições tem um alto custo social e pessoal, demonizado por meios de comunicação que, em última análise, são controlados pelo dinheiro ou pelo Estado, apesar da resistência muitas vezes heroica dos jornalistas.”

No entanto, a democracia liberal, de onde origina a base deontológica do jornalismo, acabou. O neoliberalismo, como ideologia política que pretende fazer a gestão da sociedade de alto a baixo, do cidadão, agora “homem-empresa”, ao Estado mínimo a serviço do mercado, incrementa uma ação de desdemocratização (DARDOT; LAVAL, 2016) da sociedade brasileira, cujos resultados estamos sentindo na política e na vida cotidiana.

Os jovens e/ou experientes profissionais que apostam no jornalismo como forma e possibilidade de conhecer para transformar a realidade são merecedores de perspectivas profissionais e de meio de vida. A sociedade não pode lhes negar esse direito. Assim, os novos arranjos vão remando contra a corrente da destruição imposta pela lógica dos grandes conglomerados. A concentração de riquezas e de domínio sobre as forças produtivas é demasiadamente danosa, desumana e retrógrada. Temos de apostar no futuro dos novos arranjos, apesar de toda a fragilidade deles. A pesquisa mostrou como os arranjos de trabalho do jornalista se sustentam. Eles se arranjam em uma porção de atividades paralelas para garantirem o que mais querem fazer: o jornalismo.

O estudo debruçou-se também em aprofundar os conceitos de alternativo, independente, comunitário e coletivo (FIGARO; PACHI FILHO; MOLIANI, 2018). Expressões sobre as quais a área da comunicação já produziu um largo arcabouço de referências. Sobre o assunto, chegamos a sentidos denotativos das disputas ideológicas no campo da comunicação não hegemônica. Há os que se identificam com o independente e o alternativo como aspecto pertinente à contraposição clara que fazem aos conglomerados e às suas linhas editoriais e interesses econômicos pouco confessáveis. Há os que subvertem esse sentido para se alinharem à ideia de que independente é um valor intrínseco ao jornalismo, desvinculado de interesse econômico e político. Esses são enunciados que reiteram os valores liberais do jornalismo como discurso neutro que busca a verdade.

A independência financeira é fundamental e, nesse sentido, os novos arranjos são independentes porque sobrevivem às duras penas da prestação de serviços diversos: de cursos, palestras a *freelancer* em trabalhos paralelos. Mas e os independentes que recebem financiamento de fundações estrangeiras? De que independência se está falando? Certamente, como forma e conteúdo são traços de um mesmo sentido, há que se buscar deslindar o independente de sua aura de autonomia e de não compromisso. Buscar nele as marcas deixadas pela linha editorial, pelas pautas e também pelos relacionamentos construídos.

Nesse aspecto, pudemos verificar que há uma escala de compreensão para o termo independente. Se todos se dizem independentes de compromissos com os que detêm poder e dinheiro, nem todos se mostram independentes de um certo conservadorismo na forma de pensar o jornalismo e sua relação com a sociedade. Deixamos aqui uma lacuna a ser investigada: quais sentidos de jornalismo estão sendo disputados nessa arena de lutas?

Poderemos tentar responder a mais essa questão quando fizermos a análise do jornalismo que é produzido nesses arranjos. Por outro lado, há que se polemizar com as teorias hegemônicas sobre a deontologia do jornalismo, pois é preciso friccionar as teorias à luz do discurso produzido, das formações discursivas e ideológicas que sustentam esse saber fazer como prática profissional. A constatação de que os arranjos não têm como se sustentar sem uma rede de apoio demonstra um fato interessante: o jornalismo que eles produzem não é de interesse de anunciantes e grandes marcas ou celebridades. Ponto positivo a favor do jornalismo. Há muito esquecido das ditas empresas jornalísticas, pelo menos no Brasil.

Outro aspecto dos novos arranjos é o espaço periférico. Esse território é o enunciado de quem reivindica a valorização do comunitário. A periferia é um estado ideológico, muito mais do que o lugar longe do centro. É o lugar do próximo e do reconhecido, é território de autovalorização. O centro é o outro, o diferente. Não necessariamente o hegemônico. O periférico também se alinha aos valores instituídos desde que possam ser enunciados pelos da periferia. Há aí muita confusão ideológica.

As políticas diversionistas patrocinadas por organismos internacionais orientam boa parte dos discursos das organizações sociais e dos respectivos patrocinadores. A “questão social” (CASAQUI, 2015) é um negócio milionário que precisa da comunicação. Jovens jornalistas veem aí um espaço para fazer o seu trabalho e, mais do que isso, para a militância na periferia, visto que a promessa é de abertura de oportunidades.

Nesse mesmo plantel estão os discursos sobre gênero e feminismo. É preciso saber como pautá-los. A “causa social” novamente volta à

discussão pelo viés da diversidade e da diferença. Pouco se problematiza a desigualdade econômica e política e como elas sustentam as mazelas ressemantizadas como diversidade. Muito necessário o tratamento desses temas pelo viés jornalístico, também são um nicho editorial que permite um trabalho mais assentado no tempo e um relacionamento mais direto com o público. Por fim, as perguntas iniciais da pesquisa eram:

- a) Como os jornalistas organizados em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia sustentam sua autonomia no trabalho? Eles se debatem com uma situação dramática de precariedade das condições de trabalho, com a densificação do trabalho, com extenuantes jornadas de trabalho em diferentes lugares e para diferentes fontes e finalidades. Têm geralmente um emprego como *freelancer* ou mesmo fixo para obter ganhos para a sobrevivência; e, depois dessa jornada, há o trabalho no arranjo, o trabalho que completa e satisfaz, o trabalho que alimenta o ser social, mas também que faz sofrer porque não se tem tempo e condições para a dedicação adequada e com qualidade. Sustentam, portanto, sua ação jornalística no arranjo com outro trabalho, em atividades de cursos, palestras, *freelancer* no jornalismo para outros veículos, eventos, assessorias etc. Há também a busca de recursos em editais públicos, em campanhas para doações, campanhas de *crowdfunding*, parcerias com fundações nacionais e estrangeiras. A autonomia então é relativa, padece com as injunções da falta de financiamento para manter a iniciativa e dar vazão ao seu desenvolvimento. Há tentativas de cooperação entre os arranjos que se estendem à partilha de locais de trabalho, sede, recursos, além de informações e troca de dados. Faz-se necessária a construção de políticas públicas que deem sustentação a essas iniciativas, porque elas precisam ser reconhecidas como de fundamental relevância para a democracia, visto que produzem jornalismo a partir de diferentes pontos de vista e sem as injunções do mercado e dos interesses dominantes. Para isso, os interessados precisam fortalecer os laços de cooperação para uma atuação mais convergente em defesa dos arranjos do trabalho de jornalistas, alternativos e independentes dos grandes conglomerados de meios.
- b) Como esses jornalistas mobilizam os dispositivos comunicacionais a seu dispor para instituir novas prescrições para o trabalho jornalístico? Nesse quesito impera a invenção, a disposição de efetivar o trabalho da melhor maneira possível, buscando ferramentas tecnológicas disponíveis. Há grande conhecimento circulando entre esses trabalhadores. O *smartphone*, o computador, os aplicativos, a internet são um mundo de possibilidades para coletar informações (sons, imagens, textos), para produzir e editar, para publicar, para compartilhar, para

contatar, para circular. Tudo em qualquer lugar e em qualquer tempo, chegando mesmo a ser extenuante. Se há um mundo de criações e iniciativas que se coletivizam e ganham dimensão e sinergia, há, por outro lado, densificação do trabalho 24/7, ou seja, todos os dias e em todas as horas. É difícil colocar limites. A busca é por alternativas de organizar o trabalho e a vida: é preciso apoiar-se na coletividade. As rotinas produtivas transformam-se com o jornalista polivalente e multitarefa: sabe investigar, selecionar, entrevistar, fotografar, filmar, editar, revisar, publicar em diferentes plataformas e também interagir com e divulgar o trabalho para os cidadãos. As redações são espaços virtuais de conexão com fontes, equipe de trabalho, suporte técnico e logístico. O trabalho colaborativo em rede se dá em sua expressão plena, seja entre equipes com pessoas em diferentes países e Estados, seja em diferentes bairros da cidade. O trabalho coletivo mais horizontalizado mantém, no entanto, níveis de responsabilidade hierarquizados. Os colaboradores eventuais, os colaboradores mais frequentes que sugerem pautas, enviam matérias, fotos, áudio, vídeo. Os publicadores que selecionam a pauta, aprovam o material e encaminham aos responsáveis para publicação. Há também arranjos menores em que o trabalho colaborativo é dividido em tarefas determinadas e que se complementam, mas atribuem a cada responsável o papel de definir o que será publicado. As reuniões de pauta, nesses casos, podem ser virtuais ou presenciais, a depender dos recursos e das localizações. Esse processo de trabalho depende de iniciativa, envolvimento, predisposição para resolver qualquer problema em qualquer situação. Esse engajamento é muito promissor para o resultado jornalístico. É de interesse para a sociedade, porque há valores imensuráveis nessa atividade (SCHARTZ; DURRIVE, 2007). O trabalho desses jornalistas gera muito conhecimento, muita informação e eles não recebem nada por isso. Os mecanismos atuais de mineração e metrificação de dados, por meio de algoritmos, reverterem o conjunto desse trabalho (produtos e conhecimentos de como trabalhar) em valor mensurável para ser aproveitado pelo mercado. Aqueles que têm se apropriado desse engajamento são os planejadores, ideólogos de modelos corporativos de racionalização do trabalho, interessados em mais lucratividade, beneficiando-se dessa situação para espoliar o trabalho sem sequer pagar salário.

- c) As prescrições formuladas nesses arranjos instituem relações de comunicação mais democráticas e compartilhadas no processo de trabalho? Sim. Sem relações mais horizontalizadas esses arranjos não sobrevivem. Aliás, a única perspectiva que eles têm é a de manterem e aprofundarem a colaboração horizontalizada entre seus membros e os arranjos. Essa é a grande novidade. Está aí a inovação na forma de trabalhar e compartilhar. As relações mais horizontais são necessárias para o desempenho na atividade jornalística, para a solidariedade entre

profissionais porque o trabalho é extenuante e a cooperação economiza força física, intelectual, tempo e recursos. E também porque as relações mais horizontalizadas criam uma força política, um campo de mídias alternativas e independentes, cria uma marca, uma maneira de trabalhar e produzir jornalismo. Essa sinergia tem sido pouco percebida e aproveitada. Um exemplo foi a casa no bairro do Bixiga, em São Paulo, que abrigou várias dessas iniciativas. Esse é um capital importantíssimo pouco aproveitado, ou melhor, aproveitado em momentos de cobertura pontuais e de crises. Há potencial a ser mais bem aproveitado e estimulado pelos próprios arranjos em seus benefícios. Os que vêm se aproveitando dessa produção, no entanto, são os mesmos de sempre. Visto que o montante de trabalho gratuito está disponível no *big data*. Grandes empresas se apropriam desse material para a extração, mineração e análise de dados, processamento esse que organiza e distribui informação redirecionada a perfis específicos para o mercado publicitário, vigilância, estratégia de ação de governos e outros tipos de negócios.

Essa é uma conclusão que não termina aqui. Apontamos ainda um grande problema: o aparato tecnológico e o apelo ideológico para empreender, o “homem-empresa”, além de outras máximas da moda, dissimulam a verdadeira situação desses profissionais: vínculos contratuais precários, trabalho gratuito, longas jornadas, expostos a toda sorte de violência. No entanto, dão uma contribuição efetiva para a sociedade.

As instituições democráticas defensoras de um processo civilizatório humanista precisam buscar formas de enfrentar essa questão. Políticas públicas são necessárias para dar sustentação e incentivarem o jornalismo com compromisso com os valores democráticos e cidadãos. Recursos existem, é preciso vontade política para implementar aparato legal que dê suporte aos novos arranjos do trabalho do jornalista.

Por fim, a pesquisa continuará, daqui para frente, estudando o produto jornalístico produzido por esses arranjos do trabalho do jornalista alternativos e independentes dos conglomerados de meios.

Referências

- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. *Snowball* (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *X Congresso Nacional de Educação-Educere/I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-Sirsse*. PUC-PR, Curitiba, 7-10/11/2011. Disponível em http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf.
- CASAQUI, V. A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. *Galaxia*. São Paulo, n° 29, p. 44-56, jun. 2015.
- CASTELLS, M. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Editora, 2018.
- DARDOT, P.; LAVAL C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Penso, 2006.
- FIGARO, R. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho. *Fronteiras – estudos midiáticos*. São Leopoldo, v. 16, n° 2, maio/agosto 2014.
- _____. Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas. *Galaxia*. São Paulo, v. 3, p. 177-189, 2018.
- _____; NONATO, C.; PACHI FILHO, F.F. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. *Líbero. Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero*. Ano XXI, n° 41, jan./ jun. 2018. Disponível em <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/956>.
- _____; PACHI FILHO, F.F.; MOLIANI, J.A. Narratividade e autoria na pesquisa em comunicação alternativa no Brasil. *Revista MATRIZES*. São Paulo, n° 3, set./dez. 2018. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/140618/149828>.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JANKOWSKI, N.W.; WESTER, F. La tradición cualitativa en la investigación sobre las ciencias sociales: contribuciones a la comunicación de masa. In: K.B. JENSEN; N.M. JANKOWSKI (eds.), ***Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas***. Barcelona, Bosch, 1993.

LOMBARDI, M. Coordinamento e cooperazione nella dinamica evolutiva dei sistemi produttivi locali. ***Economia e Politica Industriale***. 2003.

SUZIGAN, W. et.al. Clusters ou sistemas locais de produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas. ***Revista de Economia Política***, vol. 24, n° 4 (96), pp. 548-570, outubro-dezembro/2004